

Jean Pierre Chauvin

ANTIMANIQUEÍSMO

RESUMO:

“Maniqueísmo” é um vocábulo muito empregado, ainda hoje, nos meios intelectuais e de entretenimento, pelas mãos de articulistas, pensadores, cineastas, artistas e escritores em geral. A palavra se relaciona diretamente à ordem dos maniqueus, que conquistou severos adeptos na Europa, durante os primórdios da Idade Média. Por essa razão, ela pode ser traduzida como postura binária, instaurada sob uma perspectiva moral que opõe critérios e predicados assimétricos (bem e mal; belo e feio; certo e errado). Ao se posicionar de modo antimaniqueísta, o homem passou a contrariar um modo estreito de sentir, pensar e condenar: atitudes que caracterizam as pessoas adeptas de dogmas, ideologias e demais sistemas prévios de regramento. Ao aplicar o maniqueísmo em suas vidas, relações, estudos e trabalhos, boa parte dos indivíduos tende a negar as formas da diferença e da alteridade, sob múltiplos, mas velados, modos de coerção pelo crivo de virtudes elevadas ao estatuto de verdades absolutas e imutáveis. Usualmente, sujeitos desse jaez marcham em direção contrária ao pensamento filosófico e científico que vigora desde a chamada Era Moderna, encampado por aqueles que, como os antimaniqueístas, desconfiam da unidade de pensamento e das formas padronizadas de ação.

Palavras-chave: maniqueísmo, cultura, moral, religião.

* Doutor em Teoria Literária e
Literatura Comparada (USP).
E-mail: tupiano@usp.br

ANTI-MANICHAISM

ABSTRACT:

“Manichaeism” is a very common word, even today, in academia and entertainment media, in the hands of columnists, thinkers, filmmakers, artists and writers in general. The word relates directly to the order of the Manicheans, which conquered several supporters in Europe during the beginnings of the Middle Ages. For this reason, it can be translated as a binary posture, assumed under a moral perspective which opposes asymmetric criteria and predicates (good and evil; beautiful and ugly; right and wrong). By assuming an anti-manichaean position, men began to contradict a narrow way of feeling, thinking and condemning: attitudes which characterize people who supported dogmas, ideologies and other previous systems of ruling. Applying manichaeism in their lives, relations, studies and work, a good part of individuals tends to deny forms of difference and otherness, under multiple, yet hidden, ways of coercion through the sieve of virtues elevated to the status of absolute and immutable truths. Usually, subjects of this kind march in a contrary direction to the philosophical and scientific thought which prevails since the Modern Era, encompassed by those who, as anti-manichaeists, distrust unity of thought and standardized forms of action.

Keywords: manichaeism; culture; moral; religion.

ANTIMANIQUEÍSMO

RESUMEN:

“Maniqueísmo” es una palabra muy utilizada, incluso hoy, en los medios intelectuales y entretenimiento, por las manos de articulistas, pensadores, cineastas, artistas y escritores en general. La palabra se refiere directamente a la orden de los maniqueos, que conquistó adeptos severos en Europa, durante los primeros tiempos de la Edad Media. Por esta razón, ella puede ser traducida como postura binaria, establecida en virtud de una perspectiva moral que opone criterios y predicados asimétricos (bien y mal; bello y feo, cierto y errado). Al posicionarse a sí mismo de modo antimaniqueísta, el hombre pasó a frustrar un modo estrecho de sentir, pensar y condenar: actitudes que caracterizan al adepto de dogmas, ideologías y otros sistemas previos de reglamento. Al aplicar el maniqueísmo en sus vidas, relaciones, estudios y trabajos, buena parte de las personas tiende a negar las formas de la diferencia y la alteridad, bajo múltiples, pero velados, modos de coerción por el cribado de las virtudes elevadas a la condición de verdades absolutas e inmutables. Por lo general, sujetos de ese jaez marcharon en la dirección contraria al pensamiento filosófico y científico que rige desde la llamada Era Moderna, emprendida por aquellos que, como los antimaniqueístas, desconfían de la unidad de pensamiento y de las formas estandarizadas de acción.

Palabras clave : maniqueísmo, cultura, moral, religión.

O ANTIMANIQUEÍSMO congrega indivíduos de diferentes orientações, posturas, etnias, correntes e credos que se mostram resistentes a uma concepção exclusivamente dual e moralista do mundo em que vivemos. Religiosos, filósofos, historiadores, advogados, escritores, médicos ou cientistas sociais, os adeptos dessa forma de pensar sugerem que as oposições entre bem e mal, luz e trevas, virtude e vício, nem sempre são tão distintas e evidentes. Avaliar, julgar ou condenar atitudes e pessoas com base em critérios dualistas revelaria uma concepção binária do próprio universo, mesmo porque tais pressupostos não abarcariam as idiossincrasias, nem os diferentes graus, formas de sentir e pensar que os homens vivenciaram ao longo dos tempos, em diferentes situações e contextos sociais, históricos e culturais. Indivíduo de postura crítica e caráter relativista, o antimaniqueísta desconfia que determinados juízos de valor não possam ser encaixados entre as margens estreitas e mal ajustadas entre *fazer o bem e fazer o mal*. Outra motivação para tal posicionamento envolve a arbitrariedade que o antimaniqueísta percebe em outras pessoas. Por vezes, um indivíduo adepto da concepção moralista defende a sua capacidade de avaliar, julgar e condenar como adequada, superior e inquestionável - seja, ou não, em nome de deus, da lei ou de demais códigos pré-estabelecidos. É justamente por submeter as coisas a constantes revisões que o antimaniqueísta se choca com aqueles que, alegando avaliar e salvar os outros, outorgam a si mesmos um estatuto tido como mais elevado, que, em tese, permitem-lhes reafirmar, com máximo empenho, o poder de julgar (tudo e todos) supostamente de modo benéfico, coerente e acertado. Do ponto de vista histórico, o Antimanieísmo é uma linha de pensamento de origem recente no mundo da cultura e das ideias. Embora encontremos contestadores do pensamento maniqueísta desde o Renascimento, ele passou a ser mais difundido no século XIX.

Friedrich Nietzsche (1844-1900) pode ser considerado como um representante moderno fundamental do Antimanieísmo. Em *Além do bem e do mal*, cuja redação foi concluída em 1885, o pensador alemão lança algumas das bases em defesa de uma nova postura filosófica, que teria o papel de relativizar a concepção moralista do universo. A seu ver, muitos dentre

os juízos emitidos pelos pensadores são preconceitos sob a forma de aparentes verdades. Ora, perseguir uma suposta verdade limitaria o alcance do próprio ato de pensar; cercearia nossa concepção por entre acertos e desacertos. No início do século XX, Guiorgui Valentinóvitch Plekhânov (1856-1918) retomou e difundiu algumas das principais hipóteses marxistas, sugerindo que haveria uma contradição de fundo nos argumentos agostinianos, defendidos nas *Confissões*. Para aquele revolucionário russo, em sendo deus um ser insondável, o pressuposto agostiniano de desejar compreendê-lo não fazia sentido. A principal contestação do sociólogo ao pensamento teológico contradiz a hipótese de a história submeter-se aos desígnios de deus, como sugeria Santo Agostinho (354-430 d.C.). Já o pensador estadunidense Richard Rorty (1931-2007) defendia, ao final da vida, a ideia de que, graças ao fato de a política do Ocidente ter se secularizado, a antiga esperança transcendental de contar com um ser todo poderoso foi sendo substituída pela ideia de que cabe a nós, seres humanos, levarmos as coisas adiante. Em suma, para o filósofo, a concepção metafísica que costumava atribuir atos e vontades a uma deidade cede lugar ao universo laico, ao dado concreto, à necessária colaboração entre uns e outros. As polêmicas são cunhadas de modo polarizado, no entanto; e acompanham a marcha da humanidade. Elas provocaram a cisão da filosofia na Antiguidade grega, opondo estoicos e epicuristas. Evidenciaram as divergências de pensamento entre mestres e discípulos, com persistência de métodos no universo romano.

Na Alta Idade Média, revelaram-se nas diferentes direções que judaicos e cristãos seguiram. No século VII, ganharam força diante do nascimento da religião maometana, que interferiu definitivamente no conjunto de religiões e crenças, provocando nova ruptura cultural e ideológica entre as duas bandas e hemisférios do planeta. No âmbito do maniqueísmo, pode-se dizer que as polêmicas perduram há mais de dois milênios. No século XVII, Baruch Spinoza (1632-1677) reforçou o caráter assimilador e a unicidade de deus. Adepto da moral cristã, ele assegurava a eternidade e imutabilidade das coisas, pois elas estariam relacionadas à natureza e, portanto, consideradas imemorialmente

como pertencentes a deus. Do ponto de vista cultural, o Antimaniqueísmo tanto ganha adeptos quanto adversários, à medida que avançamos no tempo. O sociólogo Raymond Williams (1921-1988) foi um dos primeiros a oferecer os vários significados do vocábulo *cultura*. Em *Palavras-chave*, ele observava o fato de que, no século XVIII inglês, as pessoas cultas não costumavam enviar seus filhos à igreja. Esse é um dos tópicos mais recorrentes, quando teístas e ateus trocam acusações, vinculando ou não o cultivo da fé ao grau de cultura de cada um.

Retomando o estudo de Williams, Terry Eagleton lembra que, a despeito de sua origem vinculada à natureza, a palavra *cultura* acumula múltiplas acepções, especialmente o fato de ser algo que, estando sob nosso controle (auto-cultivo), poderia ser mudada, portanto. Algo diferente acontece quando se trata do culto à fé. Nesse caso, cultivar (no sentido de cultivar) envolve um conjunto de crenças que estão submetidas ao credo, ou seja, exprimem algo ligado ao nosso foro íntimo. Para o pensador inglês, a cultura pode favorecer a unidade de pensamento, para além dos sectarismos da política e da religião. Já o historiador e antropólogo estadunidense Roy Wagner enfatiza o fato de que tomar consciência da coexistência de múltiplas culturas permite ao indivíduo situar-se espacial e temporalmente, em concomitância com a sua percepção do papel assumido pelo outro. Como se vê, abordar o Antimaniqueísmo implica em empreender um conjunto de estudos que permitam comparar ataques e defesas à ideia da existência e vontades de deus, mediante diferentes crenças e culturas. Também por esse motivo, é importante que se examine o maniqueísmo em suas origens: isso permitirá compreender melhor o posicionamento dos anti-maniqueístas, inclusive.

Sob a liderança de Corbicius, nascido em 216 – e que recebeu o título honorífico de Mani por seus discípulos – o maniqueísmo foi fundado na Babilônia provavelmente em 242, data em que passou a ser disseminado após Mani afirmar ter recebido a segunda visita de um anjo que o teria encarregado de divulgar a nova palavra. Os maniqueus tinham como missão disseminar o evangelho da verdade, segundo os desígnios de Mani, que interpretava o Novo Testamento como forma de

respaldar a sua missão: a de encontrar o mal e dele isentar deus, em acordo com a teologia solar. Por se tratar de uma religião parelela ao catolicismo, o maniqueísmo foi duramente alvejado pela igreja.

Convertido tardiamente ao catolicismo, o argelino Santo Agostinho, bispo de Hipona, pode ser considerado como tendo sido a principal referência a condenar essa doutrina teosófica fundada no Oriente. A partir de então, os maniqueus passaram a ser olhados com maior desconfiança, sendo aproximados dos heréticos, inclusive. Agostinho tinha grande crédito. Ao negar os preceitos maniqueístas, procedeu com base em experiência de causa, já que ele mesmo comungara da doutrina maniqueísta, quando mais jovem. Apesar de ser um grande adepto dos ensinamentos de Cícero, Agostinho e seus seguidores passam a questionar o antigo orador romano. A obra agostiniana *Contra os acadêmicos* traz diálogos entre os filósofos de suas relações. Todos eles defendiam a crença em deus; buscavam a verdade como índice de sabedoria e felicidade; desconfiavam dos papéis atribuídos aos sábios, tendo como alvo a própria academia.

No século XVIII, o padre francês Jean Meslier sugeriu que se revisitassem alguns pressupostos da igreja com base em uma concepção nitidamente racionalista. Seu nome foi colocado à margem da história, mas há estudos recentes a respeito de sua bibliografia, como aquele de Paulo Jonas de Lima Piva, publicado em 2006. Em um misto de teologia e filosofia – a despeito de seus adversários, tanto cristãos quanto muçulmanos –, o fato é que, com decorrer dos tempos, a discussão ganhou um sentido não exclusivamente atrelado aos domínios da religião, tendo se avizinhado de uma série de temas relacionados ao nosso cotidiano. Por isso, o termo maniqueísmo passou para o vocabulário moderno, ganhou as páginas dos jornais e multimeios contemporâneos, sendo hoje comumente utilizado pelos indivíduos em geral, que muitas vezes ignoram a origem histórica e controversa da palavra. No sentido mais genérico que esse conceito adquiriu em nossos dias, ele pode ser ilustrado por alguns filmes e romances, especialmente quando o cinema e a literatura lançam mão de pressupostos e métodos moralizantes na condução e desfecho de determinados

enredos. Sob esse aspecto, o maniqueísmo comparece nos antigos filmes de faroeste, em que o homem branco – representante da conquista, da civilização e da ordem –, invariavelmente cooptava ou derrotava os índios, maus e embrutecidos pela vida na tribo.

O dualismo pode ser ilustrado por alguns desenhos animados, a começar pela escolha das cores que identificam tanto os aliados – suas armas, roupas e brasões –, quanto os seus rivais; nos seriados monotemáticos exibidos na televisão via cabo; no discurso de algumas autoridades filosóficas ou eclesiásticas, ao contrapor as boas às más ações; na fala de determinados políticos, quando se autodenominam homens de bem, como algo diferencial em relação ao seu adversário; nas discussões científicas que envolvem pesquisadores adeptos do criacionismo *versus* os defensores do evolucionismo; nas contendas entre intelectuais em geral, especialmente quando suas orientações filosóficas, científicas ou religiosas são diferentes. Decantado ao longo de praticamente dois mil anos, o maniqueísmo pressupõe uma antiga e extremada oposição entre homens bons e homens maus, em que os primeiros afirmam ter o direito e o dever de corrigir ou aplicar sanções aos demais. Frente a um pensamento que almeja o estatuto de paradigma moral, é justamente contra essa visão dicotômica, ladeada por extremos, que o Antimaniqueísta se posiciona. Uma das principais ressalvas que se poderiam fazer ao maniqueísmo diz respeito à aceitação do outro, o que se coloca em paralelo com a necessidade de matizar, relativizar determinadas formas de pensamento. Em seu sentido mais recente, com frequência o termo é evocado por críticos de arte, e mesmo por comentaristas em geral, quando uns e outros referem-se a questões polêmicas. É o que se percebe em programas televisivos ou veiculados via *internet*, ao defender e propagar a existência de penas mais rígidas aplicáveis aos suspeitos de crimes ou infrações. O discurso maniqueísta atrai multidões aos cinemas, da mesma forma como eleva a audiência das emissoras de rádio e televisão. Mas, pelos mesmos motivos, repele muitos espectadores desconfiados do ufanismo em torno de valores duais, especialmente quando tomados de empréstimo, por intermédio de manobras de aculturação. Artistas do mercado fono-

gráfico, assim como determinados filmes e *games* ilustram bem, no século XXI, a persistência de uma concepção dividida entre mocinhos e bandidos; entre governos que se afirmam democráticos, frente aos regimes que eles nomeiam como ditatoriais.

Diante desses episódios, o Antimaniqueísta sugere que relativizemos os conceitos de democracia e totalitarismo. Para isso, recomenda que se pesquise o uso dos termos ao longo da história, sem perder de vista o seu uso em diferentes culturas. Uma concepção maniqueísta pode favorecer a massificação de discursos e vídeos disseminados *on line*; conferir maior ou menor popularidade a jornalistas e apresentadores de telejornais, justamente por se mostrarem adeptos dessa forma de ver (ou fingir ver). O Antimaniqueísta posiciona-se defensivamente frente a essas vozes, principalmente quando redundam em julgamentos apressados, levinos ou pouco consistentes, já que é difícil assegurar os limites entre a honestidade e a ganância dos veículos de notícia. É que o Antimaniqueísta não costuma aceitar as coisas como dadas, tampouco julgadas ou decididas previamente. Nisso, ele se aproxima da postura do cético (palavra que em seu sentido original, na Grécia antiga, referia-se àquele que investiga), despertando múltiplas reações por parte daqueles que pensam em sentido binário, e portanto oposto. Em uma acepção mais simples e objetiva, pode-se afirmar que o Antimaniqueísta desconfia dos pensamentos que revelem caráter dogmático. Para o historiador estadunidense Charles Landesman, o indivíduo dogmático caracteriza-se por crer incondicionalmente, sem admitir questionamentos de critério, cor e forma. Talvez esta seja uma concepção das mais proveitosas, a fim de entendermos as razões que motivam o adepto do antimaniqueísmo.

Vale lembrar, no entanto, que o posicionamento refratário ao dualismo não impede que o indivíduo siga a sua religião e mantenha a sua fé. Afinal, trata-se mais de uma postura que de um dogmatismo visto pelo avesso. Por isso, adeptos do Antimaniqueísmo também podem ser encontrados entre praticantes de diversas religiões. Sirvam de exemplo os feitos da Teologia da libertação – corrente com forte atuação, especialmente na Europa e na América Latina, a partir da década de 1960 –, que congrega um grupo católico, desde então

aplicado ao estudo de uma economia mais solidária, tendo em vista a redução das desigualdades sociais no mundo. À luz do racionalismo cartesiano, a partir do séc. XVII; do iluminismo capitaneado pelos enciclopedistas franceses, na virada para o século XVIII; do pensamento dialético, com base na filosofia hegeliana; e em especial, à luz do materialismo histórico, proposto por Karl Marx (1818-1883), essa corrente representa um sensível avanço das ideias liberais por entre os setores mais conservadores da igreja. É o que se percebe ao examinar o discurso e as ações de seus adeptos, dentre os quais deve-se destacar o papel de alguns grupos libertários – combinados ao trabalho social assumido pelas pastorais no interior da igreja católica –, dentre os quais despontam os brasileiros Frei Betto (preso durante a ditadura no país, na segunda metade de 1960) e Leonardo Boff (que protagonizou grave polêmica com o Vaticano, na década de 1980).

Em nossos dias, cultivar a descrença ou relativizar a crença em deus são atitudes que costumam ser interpretadas como uma forma inovadora e radical de conceber o universo, porque menos presa às amarras morais embasadas pelo Direito, pela ordem instituída ou pela Religião. Sob essa perspectiva, tanto as leis quanto os costumes e dogmas estariam sujeitos a uma constante desconfiança por parte dos Antimaniqueístas, que defendem uma visão menos extremista e assimétrica das coisas, em favor de um mundo dinâmico. Por outro lado, diversas reflexões a respeito da pós-modernidade revelam a inquietação de pensadores, psicólogos e demais intelectuais justamente por acreditar na falta de uma unidade moral e ética nos seres ditos humanos.

Talvez a questão possa ser ampliada em outros termos. Como o antimaniqueísta tende a relativizar os conceitos dados e os pressupostos da moral, ele costuma assumir uma postura (e, nesse sentido, uma ética) diferente daquela exercida por aqueles com que convive. Por essa razão, ética e moral merecem ser estudadas com cuidado, pois se trata de conceitos sobremodo diferentes, ainda que possam ser considerados como termos complementares. De maneira geral, os religiosos defendem que a dimensão temporal está subordinada à espiritual. Para um antimaniqueísta, no entanto, submeter o âmbito do concreto ao plano das

ideias seria um ato incoerente. De quebra, implicaria reforçar a convicção em um único reduto de determinada moral – suprema e transcendente. Ancorada em um discurso que pretende justificar as prerrogativas de uns e outros, essa concepção implica a valorização do livre-arbítrio e defende a possibilidade de serem estabelecidas cláusulas mais brandas; de compormos discursos de meias tonalidades; de considerarmos as nuances percebidas nas coisas em geral. O antimaniqueísta preferencialmente pensa e age em acordo ou a demonstrar tolerância para com o outro. Assim, visa a respeitar diferentes graus, formas e intensidades de comportamento, contemplando mais de uma possibilidade de se chegar ao consenso. Sua postura envolve sentir, pensar e agir conforme o que os envolvidos permitem e pede cada ocasião.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5a ed. Coordenação da Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO, Santo. *Contra os acadêmicos*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.
- BAZÁN, Francisco García. *Gnosis: la esencia del dualismo gnóstico*. Buenos Aires: Castañeda, 1978.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante*. 3A ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1982.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Maniqueísmo: Filosofia e Religião*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2003.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2a ed. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ESPINOSA, Baruch de. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução: Manuel Angelo da Rocha Fragoso; Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FREI BETTO. *Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1987.

LANDESMAN, Charles. *Ceticismo*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal ou Prelúdio de uma filosofia do futuro*. Tradução: Márcio Pugliesi. Curitiba (PR): Hemus, 2001.

PIVA, Paulo Jonas de Lima. *Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier*. São Paulo: Ateliê, 2006.

PLEKANÔV, Guiorgui Valentinóvitch. *A concepção materialista da história*. 7a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987 [Tradução não disponível].

PUECH, Henri-Charles. Manicheísmo. In: *Enciclopedia Universalis*. Paris: Enciclopaedia Universalis France, 1990.

RORTY, Richard. *Uma ética laica*. Tradução: Mirella Traversin Martino. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução: Marcela Coelho de Souza; Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave [um vocabulário de cultura e sociedade]*. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

O AUTOR

Jean Pierre Chauvin Professor de “Cultura e Literatura Brasileira” junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA (Escola de Comunicações e Artes), USP. É Mestre (1999-2002) e Doutor (2003-2006) em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP); graduado em Letras (Português) pela mesma Universidade (FFLCH, 1995-1998), onde também concluiu a Licenciatura Plena (FE, 1999-2000). Autor de *O Alienista: a teoria dos contrastes em Machado de Assis* (Reis, 2005) e *O poder pelo avesso na literatura brasileira* (Annablume, 2013). E-mail: tupiano@usp.br

